

dentro da história do cinema, e é assim que vemos analisados os representantes mais significativos dessa tendência em cada país, até chegarmos ao neo-realismo italiano. É neste ponto que o cinema-circunstância atinge sua plenitude, sobretudo através de Visconti, De Sica e Rossellini, estendendo-se o A. às obras de Fellini e Antonioni. O último capítulo "transfere a idéia de circunstância para o clima da filosofia existencialista, inspiradora de marcante tendência do cinema contemporâneo" (p. 13), e desta forma se completa o panorama que atinge em cheio a problemática do cinema em nossos dias. — ALIETTE FONTANA.

PONTES, Joel — *O Teatro Moderno em Pernambuco*. São Paulo, São Paulo Editora S.A., 1966 (Coleção Burliti, v. 8), 164 pp.

Tamanha é a extensão geográfica que nos separa desse mundo distante e pitoresco do Nordeste, que a sua experiência teatral bem pode ser estudada como um fenômeno regional, à parte, não tendo havido intercâmbio com as demais regiões do país neste setor. Como fruto de uma pesquisa minuciosa em jornais e revistas especializadas ou em velhos álbuns de recortes, Joel Pontes apresenta-nos um levantamento exaustivo das atividades d'O *Teatro Moderno em Pernambuco*, registrando autores, atôres e peças representadas, através dos grupos "Gente Nossa", Teatro de Amadores de Pernambuco (TAP), Teatro do Estudante em Pernambuco (TEP), até a criação do Curso de Teatro na Universidade do Recife e conseqüentes tentativas de profissionalismo: o Teatro Popular do Nordeste (TPN), o Teatro de Cultura Popular (TCP) e o Teatro de Arena. Como não podia deixar de ser, o livro contém a denúncia dos grandes problemas e dificuldades por que passaram e passam os grupos que têm atuado ultimamente no Recife, pois o problema, grave no âmbito nacional, torna-se ainda mais agudo quando colocado em termos regionais. Esta denúncia é feita com a finalidade de oferecer sugestões fecundas a entidades e autores: por exemplo, a do aproveitamento de um veio popular que pode servir de base às revoluções estéticas mais arrojadas, à maneira de Brecht, num rompimento com os esquemas rotineiros. Como vemos, estamos diante de uma obra que, além de ser uma contribuição para uma futura história do teatro brasileiro, constitui uma visão atualizada e um texto a ser meditado por todos os que desejam ver no teatro brasileiro a melhoria de seu nível e uma popularização crescente. — ALIETTE FONTANA.

BORBA Filho, Hermilo — *Espetáculos Populares do Nordeste*. São Paulo, São Paulo Editora S.A., 1966 (Coleção Burliti, v. 10), 184 pp.

É um campo praticamente inexplorado este, sobre o qual Hermilo Borba Filho detém-se ao analisar os *Espetáculos Populares do Nordeste*. Temos a descrição mais pormenorizada de quatro folguedos: o bumba-meu-boi, o fandango, o mamulengo (marionetes) e os autos pastoris. O A. parte de conjeturas sobre a origem das palavras que designam os espetáculos populares, bem como de considerações sobre o que poderia ter sido a sua motivação, num breve apanhado histórico que se estende a todas as formas paralelas no folclore estrangeiro. O material de que trata o estudo encontra-se ameaçado de lenta extinção, além de ser de difícil acesso, por se encontrar disperso pelas cidadezinhas mais remotas. Neste sentido, o A. procurou valer-se de gravações junto às fontes, coleta de textos e conversas com os representantes mais significativos dessas formas humildes de diversão dramática. A reprodução de longos trechos das gravações registradas permite-nos mergulhar num mundo em que a comédia é mesclada de fantasia ingênua e até de obscenidades, numa linguagem rude, com personagens típicas da região a par